

Arquivo Histórico de Joinville

Volume 2 Número 6 Setembro de 1985.

Criado pela Lei Municipal n. 1182 de 20/03/1972 na gestão do  
Prefeito Harald Karmann, tendo sido seu 1º Diretor A. B. Schneider

Prefeitura Municipal de Joinville - PMJ

Prefeito: Sr. Wittich Freitag

Fundação Cultural de Joinville - FCJ

Presidente: Prof. Miraci Derêti

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ

Responsável: Maria Thereza Bübel

Equipe de Trabalho:

Elly Herkenhoff - Historiadora

Gessônia Leite de Andrade - Datilógrafa

Carmen Buchholz - Datilógrafa

José da Silva - Auxiliar

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ  
v.1, n.1, out./1983 Joinville, 1983  
Trimestral.

I. Documentação. História de Joinville.  
Periódico.

CDU 002:9(816.42J)(05)  
CDD 029.7098154005

Arquivo Histórico de Joinville

SUMÁRIO

página

O Arquivo Histórico de Joinville Seus Tesouros - Suas Deficiências - Suas Possibili- dades.	
Elly Herkenhoff.....	1
Curiosidades do KOLONIE-ZEITUNG	
Trad.: Maria Thereza Böbel.....	11
Relatório Trimestral de Atividades.....	13

O Arquivo Histórico de JoinvilleSeus Tessouros - Suas Deficiências - Suas Possibilidades

Elly Herkenhoff

O Arquivo Histórico de Joinville foi fundado a 10 de março de 1972, pelo então Prefeito Dr. Harald Karmann, segundo a Lei Nº 1.182 e, de acordo com o Art. 2º do texto, administrado pelo então Diretor da Biblioteca Municipal, Adolfo Bernardo Schneider, e provisoriamente instalado em uma sala de 100 metros quadrados anexa à Biblioteca.

E nos artigos 3 a 7 da Lei segue-se o relacionamento exaustivo do documentário destinado à colheita - relacionamento este que abrange os milhares e milhares de escritos que tenham qualquer relação com a história de Joinville, isto é, todos e quaisquer documentos, como relatórios, cartas, contratos, estatutos, escrituras de compra e venda etc., além de esboços, desenhos, plantas, mapas geográficos, e ainda fotos, microfílmes, fotocópias, bem como livros, jornais, revistas em qualquer idioma e de qualquer procedência e assim por diante.

Foi este o primeiro passo decisivo da parte de nossas autoridades, em concordância com o "Compromisso de Brasília", de 03 de abril de 1970, para o recolhimento e a preservação de um tesouro imensamente precioso, como não o possui, por certo, nenhuma outra comunidade fundada por imigrantes alemães no Brasil, e isto porque a atual cidade de Joinville, oriunda da Colônia Dona Francisca, fundada em março de 1851, na realidade enveredou, na história de sua evolução, por caminhos bem diversos - diversos daqueles trilhados por qualquer outra de nossas assim chamadas "Colônias Alemãs", nascidas no século passado.

A história da atual cidade industrial de Joinville, teve efetivamente início a 1º de maio de 1843, quando a Princesa brasileira Dona Francisca, irmã do Imperador D. Pedro II, desposou o Príncipe francês François Philippe de Joinville.

O dote da Princesa incluía uma grande área de terras, no Norte da então Província de Santa Catarina, nas proximidades do magnífico porto de São Francisco do Sul. É quando, no ano de 1848, o ano das grandes agitações,

os acontecimentos se precipitaram, não apenas na Alemanha, mas também em Paris, obrigando à abdicação o "Rei Burguês" Louis Philippe - pai do Príncipe de Joinville - a família real viu-se em situação bastante precária, sendo assim conveniente ao Príncipe ceder, sob determinadas condições, parte de suas terras situadas em Santa Catarina, à então recém-formada Sociedade Colonizadora Hamburguesa de 1849, que se obrigava por contrato, a estabelecer anualmente determinado número de imigrantes na Colônia Dona Francisca. E assim, já em princípios de 1851, o barco Colon deixava Hamburgo, com 125 passageiros, dos quais 7 faleceram a bordo, de maneira que, a 9 de março do mesmo ano, 118 pioneiros aportaram nas terras da Sociedade Colonizadora.

Verificou-se pois, a fundação da Colônia Dona Francisca na importantíssima fase pós-revolucionária, quando as feridas - nem na Alemanha e na Áustria - haviam cicatrizado e estavam esquecidas. Após a derrota dos revoltosos nas diversas cidades, procedeu-se, como não podia deixar de acontecer, a rigorosos processos criminais e inúmeros daqueles "Achtundvierziger" (os de 48) preferiram abandonar a Europa, a fim de começar vida nova no "Mundo Novo". Muitos deles procuraram os centros maiores, como o Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Outros decidiram tentar a sorte nas recém-fundadas colônias, como Blumenau e - sobretudo - Dona Francisca, embora a maioria deles não pudesse, de modo algum, estar em condições de enfrentar o trabalho pioneiro na floresta virgem, do mesmo modo como os numerosos oficiais que se encontravam entre os imigrantes daquela época. Por outro lado, porém, é exatamente àquele grupo bastante numeroso de imigrantes, que se deve a evolução sem paralelo - desde o início quase - no campo espiritual e cultural, da Colônia Dona Francisca.

E porque exatamente em Dona Francisca, mais do que em qualquer outra Colônia - superando até mesmo Blumenau, colônia vizinha e quase simultaneamente fundada?

A explicação deverá estar, antes de mais nada, na propaganda extremamente intensiva, com a qual a Sociedade Colonizadora - em sua maioria composta de armadores e comerciantes atacadistas de Hamburgo - procurava desviar a ininterrupta corrente emigratória dirigida à América do Norte, para o Sul do Brasil, no intuito de aqui organizar um mercado consumidor para a indústria alemã e, ao mesmo tempo, um fornecedor de produtos tropicais.

Espalhou-se também o boato, de que o casal dos Príncipes de Joinville viria fixar residência na Colônia e, além do mais, já o próprio nome - Joinville - e a personalidade do Príncipe, cunhado do Imperador do Brasil, devem ter sido fascinantes para o europeu da classe média daquele tempo.

O certo é que até mesmo aquele grupo de pioneiros aparentemente inaptos para o trabalho pioneiro na floresta virgem - "os de quarenta e oito" e os oficiais do já dissolvido exército de Schleswig - Holstein - acabaram, em sua grande maioria, por se adaptar às condições para eles incrivelmente árduas do meio ambiente, tornando-se assim pioneiros, não apenas da evolução espiritual e cultural, mas também do processo econômico, que foi transformando, ao longo dos 134 anos de existência, o povoado da floresta virgem, no centro industrial mais importante e mais populoso do Estado de Santa Catarina.

Assim também se explica o lançamento, já em novembro de 1852, de uma folha manuscrita - como segundo jornal redigido em alemão, no Brasil - sob o título "Der Beobachter am Mathiasstrom" (O Observador às Margens do Rio Mathias). O nome fazia alusão ao modestíssimo ribeirão Mathias, que serpenteava através do assim chamado "Stadtplatz" (Núcleo da Cidade). Um precioso exemplar achava-se guardado no Museu da Imprensa de Aachen (Alemanha) até a Segunda Guerra Mundial. Em Joinville mesmo até o presente não foi possível localizar nenhum exemplar do jornal.

De importância incisiva, não apenas para o jornalismo em Santa Catarina, mas sobretudo para o desenvolvimento cultural, social, econômico e finalmente político, foi o dia 20 de dezembro de 1862, quando aqui apareceu o primeiro número, o "número piloto", do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia). Foi o primeiro jornal impresso em língua alemã na então Província de Santa Catarina - o jornal que, durante oitenta anos, até maio de 1942, ou seja, até pouco antes da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, escreveria ininterrupta e fielmente, o desenrolar das ocorrências, criando assim, como testemunha do passado, uma fonte única, inestimável, inesgotável e imprescindível para o conhecimento de nossa história.

Em 1877 foi fundado um jornal redigido em português, sob o título "Gazeta de Joinville", que circulou durante seis anos. Quase no final do século apareceram, em língua alemã: "Joinvillenser Zeitung" (Jornal Joinvillense), "Reform" (Reforma), "Neue Kolonie-Zeitung" (Novo Jornal da Colônia) "Volksstaat" (Estado do Povo). Mais tarde,

como órgão da "Escola Alemã", o "Mittler" (Mediador) e "Evangelisches Gemeindeblatt" (Folha da Comunidade Evangélica). Seguiram-se "Die Wespe" (A Vespa) "Humoristika" (Humorística) "Die Zukunft" (O Futuro) e "Joinvillenser Lokalanzeiger" (Anunciante Local Joinvillense). O mais importante foi o "Joinvillenser Zeitung" que circulou de 1895 a 1938. Também em idioma português foram editados jornais em número surpreendente, tanto na virada do século, como neste século. De um modo geral, porém, não tiveram longa duração, exceto o "Jornal de Joinville" que circulou de 1919 a 1980 e - sobretudo - "A Notícia" que, fundado em 1923, há anos vem circulando como jornal diário. Igualmente como diário, circula o "Extra".

Apesar do pouco tempo de sua existência, o nosso Arquivo guarda uma quantidade surpreendente de jornais aqui fundados, em parte comprados, em parte doados. Assim se encontram enfileirados, em um armário de aço seguro contra fogo - os oitenta preciosos e únicos volumes existentes do "Kolonie-Zeitung", ladeados pelos 6 volumes da "Gazeta de Joinville" e de outros números avulsos e anos avulsos de folhas locais, como "Joinvillenser Zeitung", "Der Mittler", etc. e outros em idioma português. Igualmente acham-se guardados a coleção completa do "Brasil-Post" editado em São Paulo desde 1950 e os anos desde 1970 do "Deutsche Zeitung", São Paulo, ao lado de inúmeros anos avulsos e exemplares avulsos de jornais antigamente editados em Curitiba, Blumenau, São Bento, etc. Como "Der Urwaldsbote" (O Mensageiro da Floresta Virgem) "Blumenauer Zeitung" (Jornal Blumenauense) "Volksbote" (Mensageiro Popular) "Kompass" (A Bússola) etc.

Um lugar especial em nosso Arquivo cabe aos tão importantes e em parte bem conservados volumes das velhas revistas alemãs, como "Über Land und Meer" (Sobre Terra e Mar) "Die Gartenlaube" (O Carananchão) "Daheim" (No Lar) "Bazar" (Bazar) "Zur Guten Stunde" (A Boa Hora) etc. as quais, segundo o anúncio do livreiro Auler, no número piloto do Kolonie-Zeitung, já em dezembro de 1862 contavam com grande número de leitores, que, sem dúvida, sempre aguardavam as últimas notícias da pátria distante com impaciência e enlevo.

Diante de tamanho gosto pela leitura, não surpreende o fato de se verificar, por um exemplar da "Kolonie-Zeitung" de 1865, que já àquela época, aqui havia uma "Leseverein" (Associação de Leitura). É um simples relance sobre a seção dos livros do nosso Arquivo demonstra a qualidade da leitura oferecida pela agremiação aos associados. Ali estão, em parte bem conservados, em

parte carentes de restauração, obras de todas, todas as áreas da ciência humana, alguns contendo o nome do proprietário, outros uma dedicatória de pessoa amiga. Ali estão enfileirados os clássicos alemães, Goethe em 16 volumes, Schiller em 5 volumes, ao lado de Shakespeare em 4 volumes. Ali se encontram Grillparzer e Alexander von Humboldt, ali estão Klopstock e Kant e Nietzsche e Spengler e estão Heine e Freiligrath e Keller ao lado de Gustav Freytag e Victor von Scheffel e Tolstoi em tradução alemã. E também Wilhelm Busch e Fritz Reuter estão presentes e Brehms Tierleben em 10 volumes, assim como as outrora tão apreciadas Courths-Mahler, W.Heimburg e E.Marlitt. Um grande número de livros para moças e crianças e livros de figuras para os pequeninos são guardados, assim como numerosos exemplares de livros antigamente adotados nas escolas de Joinville, ao lado de inúmeras biografias e descrições de viagens. Em outro setor, obras sobre imigração e colonização em geral e sobre a Colônia Dona Francisca em particular, como as de R.J.Miltenberg (1852, Berlim) L.von Alvensleben (1854, Leipzig) G.E.Wappäus (1848, Berlim) Barão von Tschudi (1865 - Nova edição 1971, Stuttgart), Dr. Hermann Blumenau (1856, Rudolstadt) J.J. Sturz (1868, Berlim) e ainda a obra preciosíssima de Theodor Rodowicz-Oswieciński "A Colônia D. Francisca no Sul do Brasil" - obra essa existente apenas em pouquíssimos exemplares que pertence às fontes mais preciosas do início de nossa história.

No mesmo setor, obras modernas sobre Joinville, de Carlos Ficker (1965), Cyro Ehlke (1975), Apolinário Terres (1981), Adolfo Bernardo Schneider (1984), Béatrice Ziegler (1983), Elly Herkenhoff (1981 e 1984). Inúmeros artigos publicados na imprensa, por autores joinvillenses, acham-se guardados em pastas. Em outra divisão, obras de autores joinvillenses, em língua portuguesa e alemã. Livros de Ernesto Niemeyer, aqui nascido em fevereiro de 1863, um dos escritores de língua alemã mais afamados do Brasil e de Wolfgang Ammon, poeta, escritor e comerciante nascido na Alemanha e antigamente estabelecido em Joinville. Em língua portuguesa, de Ignácio Bastos, autor de contos e peças teatrais, outrora aqui residente e Augusto Sylvio, nascido em Joinville, recentemente falecido. Acham-se igualmente à disposição do pesquisador, os 6 volumes da coleção "Famílias Brasileiras de Origem Germânica" (Instituto Hans Staden, S.Paulo).

Em outro setor da Biblioteca encontram-se os numerosos livros de canto, livros de reza e bíblias. Algumas das bíblias apresentam, na folha de ante-rosto já

amarelecida, anotações manuscritas sobre acontecimentos familiares, como nascimentos, casamentos, falecimentos e outras datas importantes. A mais antiga das bíblias data do ano de 1836.

E a coleção dos anuários: Rotermond-Kalender (Anuário Rotermond), Uhles Kalerler (Anuário Uhle) Serra Post Kalender (Anuário Correio Serrano) e outros ainda. Almanques estes, antigamente editados sobretudo no Rio Grande do Sul e São Paulo e então existentes em quase todas as famílias de língua alemã, pelo menos nos estados do Sul. Esses anuários elucidativos que, vistos em seu total, circularam durante quase um século, pertencem não apenas às fontes mais preciosas sobre a imigração alemã e, ainda, sobre a literatura em língua alemã no Brasil, mas representam para nós, joinvillenses, todo um capítulo da nossa História da Literatura, com as suas numerosas colaborações de autores locais, como os já mencionados Ernesto Niemeyer, Wolfgang Ammon e ainda Elly Herkenhoff.

Também se encontram à disposição do pesquisador, livros diversos de consultas, como Meyers Konversationslexikon (Enciclopédia Meyer) em 18 volumes numerosos dicionários, sobretudo Alemão-Português e Português-Alemão, os quais já de longe demonstram o seu assíduo manuseio.

Extremamente rico e diversificado é o documentário que testemunha a vida social outrora florescente em Joinville, pois logo após a chegada dos primeiros imigrantes, já se organizaram comunidades eclesiásticas e escolares e em 1855 fundou-se a "Kulturverein" (Sociedade de Cultura), no mesmo ano a "Gesangverein Helvetia" (Sociedade de Canto Helvetia), seguida pela "Schützenverein zu Joinville" (Sociedade de Atiradores de Joinville) e pela Loja Maçônica "Zur Deutschen Freundschaft" (A Amizade Alemã). No ano seguinte surgiu a "Unterstützungsverein Helvetia" (Sociedade Beneficente Helvetia) assim como a "Unterstützungsverein Zur Brüderlichkeit" (Sociedade Beneficente Fraternidade). Em 1859, foi fundada a Sociedade de Teatro Amador "Harmonie-Gesellschaft" (Associação Harmonia), e a primeira sociedade ginástica da América do Sul, sob o nome de "Deutscher Turnverein zu Joinville" (Sociedade Alemã de Ginástica) assim como a segunda associação de canto coral, sob o nome de "Sängerbund" (Liga de Cantores). E assim foram surgindo, ao longo dos anos e dos decênios, associações em quantidade inumerável, muitos com finali-

dades puramente recreativas, como "Zum Guter Abend" (A Boa Noite), "Gemütlichkeit" (Aconchego) "Zum Gemütlichen-Abend" (A Noite Aconchegante) - ao lado de inúmeras agremiações de música, de teatro, de canto e de atiradores, ao lado de clubes de "Skat", de xadrez, de bolão ou de associações condicionadas profissional ou cientificamente como por exemplo a "Zigarretenarbeiter-Verband" (Agremiação dos Cigarreiros) ou "Handwerker-Unterstützungsverein" (Sociedade Beneficente dos Artesãos) ou "Volapükaklüb" (Clube de Volapük) - o segundo de sua espécie na América do Sul - para divulgação do idioma universal inventado em 1880. Na década de 80 surgiram diversas associações fundadas por luso-brasileiros, como "Congresso Joinvillense", "Grupo Dramático 25 de Abril" e alguns, com finalidades puramente políticas, como "Clube Republicano" e outros.

Com o processo cada vez mais acelerado de industrialização e o expansionismo de toda a vida econômica da região, com o aumento ininterrupto da população e, afinal também, dos problemas sociais, com a reforma e a modernização em todos os setores, necessariamente foram surgindo novas agremiações em escala crescente, como "Associação Comercial e Industrial de Joinville", "Círculo Operário de Joinville", ao lado de Sociedades de professores, médicos, proprietários de imóveis e finalmente, clubes esportivos, de ciclismo, de tênis e futebol.

É evidente que, diante de tamanha militância em todas as áreas, desde o início da colonização, um documentário imensamente rico foi se formando e em grande parte a nós transmitido. Assim não nos surpreende o fato de ter se projetado, já na década de trinta, a criação de um arquivo histórico em Joinville, conforme se verifica por um convite nas colunas do "Kolonie-Zeitung" daquela época. Já então existia aqui plena consciência do significado único da herança a nós legada. O projeto porém, por motivos ignorados, não pôde então ser concretizado.

No entanto, nesse curto espaço de 13 anos, decorridos desde a sua fundação, o Arquivo já recebeu doações em documentos de tal volume, que o espaço disponível de 100 metros quadrados está muito longe de ser o suficiente. Há alguns anos uma grande quantidade de documentos preciosos foi adquirida por compra, entre outros a coleção das listas de passageiros dos barcos de imigrantes a começar pelo Colon, até quase o final do século - um

documentário extremamente valioso para a verificação das datas de chegada de todos os imigrantes procedentes de Hamburgo. Igualmente foi adquirida uma coleção de 54 mapas, algumas datadas do início da colonização, elaboradas pelos engenheiros e agrimensores aqui operantes. Do mesmo modo, relatórios dos diversos diretores da Colônia, em parte dirigidos ao Governo Provincial, inúmeras escrituras de compra e venda, a partir das primeiras vendas de terras da Sociedade Colonizadora, além de contratos de toda a espécie, projetos e plantas, estatísticas e lista de eleitores do século passado e livros de atas da Câmara Municipal, existente a partir de 1870, bem como alguns relatórios e alguns copiadores da Câmara. Além disso, relatos sobre ataques de índios, documentos sobre a Guerra do Paraguai ( 1864-1872 ) da qual, a partir de 1865, participaram 23 voluntários de Dona Francisca, documentários sobre o desenvolvimento dos vários núcleos, antigamente pertencentes a Joinville, como São Bento, Guaramirim, Jaraguá do Sul e Corupá, que surgiu com o nome de Hansa Humboldt, e ainda relatos sobre as várias revoltas, nas quais a cidade de Joinville se viu de qualquer forma envolvida: a Revolução Federalista, há exatamente 90 anos atrás, a grande revolução da década de 30 e outras, que não se desenrolaram em Joinville, mas das quais participou o nosso 13º Batalhão de Caçadores, aqui estacionado.

Uma enumeração do documentário, em parte oficial e tão diversificado, torna-se evidentemente impossível, assim como é impossível uma relação dos milhares e milhares de outros documentos existentes, pequenos ou volumosos, muitos deles pessoais, como passaportes, cartas particulares com relatos sobre a época inicial, cartas de identidade, boletins escolares, diplomas, cartões de felicitações - sérios e humorísticos - para centenas de ocasiões, cartões de pêsames, convites para as mais diversas festividades, programas de todos os feitiços, para concertos, teatros, cinemas, festas de igrejas e de escolas - e até para a estréia mundial em Joinville da ópera "Yara", na década de trinta, ópera aqui idealizada e composta pelo compositor austríaco Pepi Prantl. Igualmente acham-se guardadas numerosas músicas - desde os clássicos e álbuns de canções populares, às tão apreciadas composições dos músicos brasileiros, entre os quais o compositor joinvillense João Graxa Gonçalves - fato esse que evidencia o quanto a música esteve presente em Joinville, em todas as épocas, em todas as ocasiões. E modelos para bordados existem - modelos em

cadernos ou folhas avulsas, de todas, mas realmente todas as modalidades imagináveis de trabalhos, outrora executadas pelas moças e senhoras joinvillenses. E livros de cozinha - caderninhos, folhas avulsas ou volumes pesados, em parte surrados e ilegíveis quase pelo uso, muitas vezes com receitas e anotações manuscritas nas margens. E cartões com vistas - cartões e mais cartões, soltos ou enquadrados em grandes ou pequenos álbuns, provenientes do mundo inteiro, enviados por amigos, parentes ou sócios aos amigos de Joinville.

Diante de tamanha fartura - no acanhadíssimo espaço de 100 metros quadrados - uma coordenação adequada e a catalogação de todas as preciosidades existentes, torna-se difícilíssima e em muitos casos impossível, devendo ser protelada para a época futura. Esse adiamento também se refere à fototeca - uma secção que, sozinha, deveria ocupar quase um quarto do espaço existente, e que no entanto, até agora só pôde ser acondicionada em caixas de papelão, empilhadas em uma das prateleiras disponíveis. Fazem parte da nossa fototeca numerosas chapas, muito bem conservadas, como antigamente eram usadas pelos fotógrafos e uma quantidade infinita de fotos de todas as espécies, em parte datadas do início da Colonização até as fotos coloridas da atualidade. Uma vistoria completa desse acervo preciosíssimo deveria ser feita imediatamente, mas torna-se impraticável no exíguo espaço disponível, já porque nesse trabalho seria indispensável a colaboração de alguns "voluntários" da geração mais idosa, para o reconhecimento de incontáveis retratos de famílias, retratos antigos, em parte já amarelados.

Um simples relance sobre os jornais diários e semanalmente recebidos, evidencia que o espaço disponível nem de longe poderá corresponder às necessidades do nosso Arquivo. Embora no início em quantidades menores, atualmente guardamos ao todo 5 jornais diários: "A Notícia" e "Extra" (Joinville), "O Estado" (Florianópolis), "O Estado de São Paulo" e "Folha de São Paulo" (São Paulo) e os semanários "A Gazeta" e "Correio do Povo" (Jaraguá do Sul), "Brasil-Post" e "Deutsche Zeitung" (São Paulo) e os mensários "Skala" e "Tribuna Alemã". Somente os acima enumerados perfazem, em números redondos, o total de 2.000 jornais por ano! Dois mil exemplares, em parte bastante volumosos, aos quais se acrescentam os Diários Oficiais da Justiça, da União e do Estado, que somam cerca de 1000 exemplares - portanto, são cerca de 3000 jornais, que anual-

mente são encadernados e requerem espaço nas prateleiras disponíveis!

E além disso, é preciso conseguirmos incessantemente espaço para as doações mais ou menos volumosas, ofertadas em maior ou menor intervalo de tempo, como por exemplo, em caso de falecimento ou de mudança de residência - muitas vezes, porque não se sabe "o que fazer com este traste" - um "traste", que inúmeras vezes se acaba revelando verdadeira preciosidade, que vem enriquecer extraordinariamente o nosso Arquivo!

Evidencia-se, pois, que o Arquivo Histórico de Joinville atualmente já reúne um documentário riquíssimo, graças à evolução histórica da cidade, acima relatada. E sem dúvida ainda existe um documentário riquíssimo, diversificado, retido pelos proprietários, com o argumento - infelizmente fundamentado - de que o nosso Arquivo, existente em uma sala há muito superlotada, não oferece a mínima segurança contra os múltiplos perigos, como roubo, incêndio e inundação. E é certo também que ainda existem incontáveis preciosidades, inúmeros tesouros - muitas vezes ignorados, abandonados em caixotes carcomidos pelo cupim e em caixas bolorentas, em cantos úmidos talvez ou nos sótãos de velhas casas, ali há anos depositados e esquecidos...

Cabe a nós colher tão preciosa herança, restaurá-la, microfilmá-la quando possível, preservando-a para gerações futuras em ambiente adequado no moderno edifício, seguro contra incêndio e enchente, do nosso Arquivo Histórico de Joinville.

A nós cabe - exatamente hoje, nesta época turbulenta de transformações e radicalizações - preservar os valores autênticos a nós legados, lutar por eles e transmití-los, sempre imbuidos da sábia expressão do mestre Goethe:

"O que herdaste de teus ancestrais,  
Conquista-o, para o possuíres!"

## Curiosidades do KOLONIE-ZEITUNG

Trad. Maria Thereza Bübel

KZ n. 16 - 19/04/1879 - A inauguração da estação telegráfica: o dia 15 de abril de 1879 ficará para sempre marcado na história do progresso da Colônia, e em especial de nossa cidade, como um dia memorável, pois neste dia Joinville foi incluída na grande rede civilizatória e abrangente do telégrafo. O isolamento local de Joinville foi com isso afastado de vez, pois agora, zombando de tempo e espaço, com a rapidez do raio, podemos enviar nossos pensamentos aos lugares mais longínquos da terra. Joinville é, desde o dia 15 de abril, a sede de uma estação central de telégrafo, quando a nova linha instalada vem de Morretes diretamente para Joinville, em direção do sul, sem passar por São Francisco, que passa agora a ser subestação de Joinville, já que a ligação através da baía de Guaratuba teve de ser suspensa devido às constantes avarias. A população de Joinville, dando a devida importância ao fato, esteve em alegre excitação. O convite do comitê de festas para a contribuição voluntária visando a promoção de uma festa, teve a maior receptividade, tanto assim que algumas pessoas, omitidas na lista, se apresentaram espontaneamente. Principalmente os industriais e comerciantes locais tiveram ativa participação. A inauguração da estação, localizada na casa de Conrad, na esquina da Rua do Cachoeira, foi às 11 horas da manhã, pelo Diretor da linha, sr. Eugenio von Lossio Seilbitz, representando o sr. Tenente-coronel Schusterschlütz. Depois de uma extensa explanação do sr. Lossio sobre a importância da festa para a Colônia e para a cidade, e de uma comparação entre o passado e o presente de nossa Colônia, quando ainda há vinte anos reinava a noite

da mata virgem, finalizou com um viva ao Governo, à cuja generosidade devemos este benefício. Após a execução do Hino Nacional pela banda de música formada em frente à casa da estação, ricamente ornamentada com bandeirolas e palmeiras, o sr. C. Lange respondeu ao discurso do sr. Lossio em nome da população de Joinville, com um agradecimento ao governo e observando que, mesmo que muitos melhoramentos materiais ainda se façam necessários, houve um grande progresso na Colônia, e que com a união e perseverança da população seriam vencidos muitos dos obstáculos que se opuserem ao nosso desenvolvimento material. O discurso foi encerrado com um viva à nação brasileira, à Sua Majestade o Imperador, ao governo imperial, à aliança entre o Brasil e o Império Alemão, ao Diretor da linha telegráfica e seu representante local. Em seguida falou o Juiz de Paz, sr. Dr. Barros, entusiasticamente aclamado, parabenizando e dando vivas à população joinvillense pela significativa conquista. Com essa demonstração terminou a cerimônia em frente à casa da estação, e o cortejo pôs-se em movimento pelas ruas festivamente ornamentadas, ao som da música e espoucar de inúmeros fogos de artifício. A animação geral era grande, e não se passou por nenhuma casa sem dar vivas aos moradores. Em alguns locais foi feita uma parada, discursando então o sr. Dr. Barros, como em frente à tipografia, à casa acolhedora do sr. Sinke, que fez questão de refrescar os acompanhantes do cortejo com cerveja; mais adiante, em frente à casa do sr. C. Lange, etc, até a volta à estação, onde alguns telegramas oficiais de felicitações foram enviados pela Câmara Municipal ao Presidente da Província, à Câmara Municipal de Morretes, etc. A festa foi encerrada com um animado baile, que durou até o amanhecer, no salão do sr. Molitor.

Relatório Trimestral - jul./ago./set., 19851. Atividades

No dia 29/07, em solenidade que contou com a presença do Cônsul Geral da República Federal da Alemanha, sr. Hasso, Freiherr von Maltzahn, do Cônsul honorário em Joinville, sr. Wolfgang Voigt, do Prefeito Municipal, sr. Wittich Freitag, do Presidente da Fundação Cultural de Joinville, Prof. Miraci Dereti, e de inúmeras autoridades, foi lançada a pedra fundamental do prédio do Arquivo Histórico de Joinville. Estiveram presentes ainda vários políticos, historiadores, secretários e convidados. O Prefeito sr. Wittich Freitag, em emocionado discurso, falou da importância da obra que abrigará um dos acervos mais ricos do sul do país. Na urna foram depositados documentos atuais sobre o município: seus aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos, físicos, fotografias, moedas e cédulas, jornais locais e do país, relatórios de atividades, boletins do Arquivo, os livros "Joinville - Ontem e Hoje", "Joinville - Nossos Prefeitos 1869/1903", assim como o artigo "O Arquivo Histórico de Joinville - Seus tesouros - Suas deficiências - Suas possibilidades", todos de autoria da historiadora Elly Herkenhoff, funcionária do Arquivo, assim como fotografias atuais do Arquivo Histórico, e ainda uma cópia da Lei nº 1.182, de 20/03/1972, assinada pelo então Prefeito Harald Karmann, criando o Arquivo, e cópia do discurso proferido pelo Prefeito Wittich Freitag. O Cônsul Geral da República Federal da Alemanha, sr. Hasso Freiherr von Maltzahn, destacou o entrelaçamento de relações entre o Brasil e a RFA, e a contribuição de Joinville para o fortalecimento destas relações.

O Arquivo está sendo construído pela Empresa Forma, Engenharia e Planejamento, de Curitiba, e terá uma área de 1.024,71 m<sup>2</sup>, no terreno ao lado da Casa da Cultura, margeando o Rio Cachoeira. Seu custo está orçado em Cr\$ 1,2 bilhão, com o governo da RFA participando do empreendimento com 100 mil marcos. Esta contribuição veio em resposta a um extenso dossiê, apresentando a riqueza e fartura de nosso acervo e a precariedade de nossas instalações, e entregue ao Cônsul Honorário da RFA, sr. Wolfgang Voigt, que o encaminhou, através do Cônsul Geral, sr. Hasso Freiherr von Maltzahn, às autoridades competentes na República Federal da Alemanha. Antes do lançamento da pedra fundamental, o secretário de Planejamento da Prefeitura, engenheiro José Carlos Vieira, traçou um perfil de como será o novo Arquivo, graças ao esforço conjunto não só da Prefeitura, mas também de técnicos das empresas e entidades do município, que estiveram presentes às discussões do projeto. Destacou também a preocupação em se definir uma estrutura que assegurasse ao patrimônio histórico de Joinville total garantia contra o calor, a umidade e elevada temperatura solar. Por isso o prédio terá uma temperatura interior constante de 18 graus e o funcionamento de ar condicionado durante 24 horas por dia. Além das paredes duplas para minimizar a transmissão de calor e de umidade, e de janelas com placas protetoras na parte externa (de concreto) para evitar a penetração direta de raios solares, o Arquivo terá um sistema de detecção e alarme de incêndio, bem como detectores de fumaça e termovelocimétrico (registra a elevação da temperatura). A área construída permitirá ampliações futuras do Arquivo. Serão dois pavimentos: térreo para serviços de atendimento e pesquisas e superior

para o acervo, de uso interno. O padrão arquitetônico é moderno, e além de outras características, está previsto o tratamento paisagístico em torno do prédio, incluindo praça com jardins e espelho d'água, que deverão proporcionar um ambiente agradável e bonito, combinando com a Casa da Cultura e demais unidades próximas, como o Museu do Sambaqui - já existente - e o futuro teatro municipal, que deverá ser construído no terreno onde hoje funciona a garagem da Prefeitura. A inauguração do novo Arquivo Histórico de Joinville está prevista para 9 de março de 1986, aniversário da cidade. Torna-se assim, realidade, "um sonho, há muito acalentado", conforme as palavras do Prefeito sr. Wittich Freitag. "Um sonho que valeu todo o nosso esforço e trabalho, e que agora será finalmente concretizado.

## 2. Visitas

No dia 16/07 recebemos no Arquivo uma visita sumamente interessante: o sr. Antônio Saraiva, bisneto de Gumercindo Saraiva, chefe das tropas federalistas que em 1893 sitiaram Joinville, durante 3 meses. Veio em busca de documentos e fotos da atuação de seu bisavô em sua passagem pela Colônia Dona Francisca, e foi com prazer que podemos atendê-lo.

No mês de agosto, visitaram-nos duas parentes muito afastadas de Ottokar Dörrfel, a sra. Susanne Haupt, de Gelsenkirchen, RFA, e sua filha, Susana.

3. Com data de 28 de julho recebemos carta do sr. Herbert Böttcher, professor aposentado, morador na cidade de Glauchau, DDR (República Democrática da Alemanha) na casa que foi residência de Ottokar Doerffel, personagem das mais destacadas de nossa história.

Diz o sr. Böttcher em sua carta, que a rua em que mora, recebeu o nome de Ottokar Doerffel há alguns anos, quando foi também afixada uma placa comemorativa na fachada da casa. Assim sendo, o professor Böttcher pede-nos em sua carta informações a respeito da atuação de Ottokar Doerffel em Joinville, e foi com grande prazer que remetemos ao missivista um artigo sobre O. Doerffel, escrito em alemão pela historiadora Elly Herkenhoff e publicado há alguns anos no jornal "Brasil-Post", de São Paulo.

#### 4. Doações

Elsa Kohlbach, do Rio de Janeiro, e Eva Halber, de São Paulo, doaram valiosas fotografias, e Erica Schneidewind, de Joinville.

#### 5. Serviços feitos no trimestre:

5.1 Cópias xerox.....	975 p.
5.2 <u>Consultas:</u>	
Jornais.....	112
Diário Oficial.....	118
História.....	32
Genealogia.....	3
5.3 <u>Correspondência:</u>	
Expedida.....	479
Recebida.....	136
5.4 <u>Encadernação:</u>	
Enviados.....	38
Recebidos.....	118 v.
5.5 <u>Recortes:</u>	
Jornais.....	5769 p.
Classificação.....	5769 p.
Revistas.....	415 p.
Classificação.....	415 p.